



FORMAÇÃO & EDUCAÇÃO NAS PRIMEIRAS IDADES

TRAJETÓRIAS INVESTIGATIVAS NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO BÁSICO

Formação & Educação nas primeiras idades

COORDENAÇÃO

Maria João Cardona

Elisabete Linhares

1.ª Edição dezembro 2024

DESIGN DE CAPA

Teresa Cavalheiro

EDIÇÃO GRÁFICA

Maria Eduarda Baptista

Rui Lopes

ISBN: 978-989-35760-9-0

PUBLICAÇÃO

Escola Superior de Educação

Instituto Politécnico de Santarém



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License.

ÍNDICE

<i>Maria de Fátima Pista Calado Mendes</i> Prefácio	5
Introdução	7
<i>Ângela Silva & Isabel Piscalho</i> A Reflexão na Formação Inicial como Processo de (Re)configuração de Perspetivas sobre a Educação Inclusiva	9
<i>Bárbara Simões & Carla Dionísio Gonçalves</i> A Coconstrução do Espaço Exterior: Fomentar Aprendizagens em Contexto de Jardim de Infância com crianças de 3 anos	31
<i>Beatriz Esteves, Ana Serrão-Arrais, David Catela & Helena Luís</i> Efeito de Materiais Naturais e Manufaturados Afuncionais, em Atividade Não Estruturada, no Comportamento Lúdico e Social de Crianças de 3-4 anos do Pré-escolar	53
<i>Cátia Figueiredo & Isabel Piscalho</i> Exploração do Potencial das Entrevistas com Tarefa para a Promoção da Autorregulação da Aprendizagem na Educação Pré-Escolar	74
<i>Ana Gomes & Elisabete Linhares</i> Impactos da Pandemia na Aprendizagem Infantil: Oportunidades para a Educação para a Saúde	89
<i>Beatriz Antunes & Maria João Cardona</i> Transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico	108
<i>Jéssica Santos & Lia Pappámikail</i> A Gestão da Diversidade Cultural na Escola: Perceções e Práticas de Educadores e Professores	121
<i>Maria da Nazaré da Silva Marques, Ana Margarida Mourato & Maria Inês Cardoso</i> A Literatura Infantil e a Interdisciplinaridade na Aprendizagem: Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	144
<i>Márcia Pereira & Elisabete Linhares</i> Educação Ambiental e ODS: Uma Abordagem Pedagógica para o JI e 1.º CEB	166
<i>Matilde Lima & Sílvia Ferreira</i> Estudo das Alterações Climáticas numa Turma do 4.º ano de Escolaridade	181
<i>Ana Vitorino & Clara Brito</i> A Influência de Fatores Intrínsecos e Extrínsecos na Criatividade em Crianças da Educação de Infância e do 1.º CEB	203
<i>Rita Caixinha & Isabel Piscalho</i> As Expressões Artísticas na Promoção Autorregulação da Aprendizagem das Crianças	223

<i>Carolina Fontes & Susana Alexandre dos Reis</i> Estereótipos de Género no 2.º CEB: Relato de uma Proposta Pedagógica	239
<i>Magda Reis & Susana Alexandre dos Reis</i> As Visitas de Estudo Virtuais e o Estudo do Património Local: uma Proposta Pedagógica no 3.º CEB	263

Educação Ambiental e ODS: Uma Abordagem Pedagógica para o JI e 1.º CEB

Márcia Pereira

Escola Superior de Educação de Santarém
marcia_spereira99@hotmail.com

Elisabete Linhares

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Santarém, Portugal; Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV), Instituto Politécnico de Santarém, Portugal
elisabete.linhares@ese.ipsantarem.pt

Nota Introdutória

Com o objetivo de compreender as perceções dos profissionais de educação sobre a Educação Ambiental e a promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) na sua prática pedagógica, bem como de analisar como a Educação Ambiental/Educação para o Desenvolvimento Sustentável é implementada nas escolas para promover os ODS e contribuir para a sua concretização, realizou-se um estudo qualitativo. Este estudo envolveu educadores e professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), bem como crianças de uma sala de Pré-Escolar e de uma turma de 4.º ano. As narrativas recolhidas permitiram identificar tanto o trabalho desenvolvido como as perceções dos participantes relativamente à prática e à promoção dos ODS. O documento organiza-se em quatro partes: o enquadramento teórico, onde se contextualiza o estudo à luz da revisão da literatura sobre a temática; a metodologia, com a descrição e fundamentação das opções metodológicas e caracterização dos participantes; os resultados, que apresentam os dados recolhidos através da triangulação dos instrumentos em alinhamento com os objetivos do estudo; e as considerações finais, onde se sintetizam as principais conclusões alcançadas.

Enquadramento teórico

Nos dias de hoje, os temas do ambiente e do desenvolvimento sustentável são amplamente reconhecidos, e a preocupação com o futuro do Planeta Terra e da vida nele existente tem vindo a crescer devido aos impactos da ação humana. Para compreender melhor estas questões, é essencial abordar os conceitos de Educação Ambiental (EA) e

Desenvolvimento Sustentável (DS). A EA é entendida como um processo contínuo de aprendizagem que:

procura incrementar a informação e o conhecimento público sobre os problemas ambientais, promovendo, simultaneamente, o sentido crítico das populações e a sua capacidade para intervir nas decisões que, de uma forma ou de outra, afectam o ambiente e as suas condições de vida. (Guerra et al., 2008, p.3)

A EA deve ser desenvolvida tanto no contexto formal como no não formal. No âmbito da educação formal, a formação dos professores deve incluir a dimensão ambiental, não necessariamente para formar especialistas no meio ambiente, mas para capacitá-los a abordar questões ambientais nas suas práticas pedagógicas (Rodrigues, 2004). Quanto à educação não formal, esta deve ocorrer fora do ambiente escolar, sendo imprescindível que a família seja também ambientalmente educada para poder ensinar (Furlan et al., 2010).

O DS, por sua vez, tem sido central nos esforços para lidar com os problemas ambientais e promover mudanças positivas no Planeta e na sociedade. Este conceito ganhou relevância com a criação do Clube de Roma em 1968, que destacou os desafios de um crescimento descontrolado. Posteriormente, a Agenda 2030, aprovada em 2015, estabeleceu 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que incluem a erradicação da pobreza e da fome, o acesso universal à saúde e educação de qualidade, a promoção de energias renováveis e a redução das desigualdades, com o objetivo de transformar o mundo até 2030 (UNESCO, 2016).

A infância é um momento crucial para promover a sustentabilidade. Segundo Silva et al. (2016), "os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia" (p. 85). Crianças em contacto com a natureza desenvolvem maior curiosidade e respeito pelo meio ambiente, tornando-se mais conscientes dos problemas ambientais e da importância de preservar a natureza. Narcizo (2009) defende que a EA deve começar cedo, ainda no ambiente familiar, e ser continuada na escola, inserida de forma interdisciplinar nos conteúdos programáticos. Mais do que transmitir conceitos técnicos, cabe à escola ensinar as crianças a amar e respeitar o ambiente como um lar.

Para que as crianças compreendam e enfrentem os desafios ambientais, Effting (2007) sublinha que a escola deve adotar estratégias que envolvam as crianças de forma apelativa, promovendo comportamentos responsáveis e socialmente justos. É também

responsabilidade dos pais e cuidadores reforçar os valores ambientais, complementando o que é ensinado na escola através de atividades práticas e de contacto com a natureza, como sugere Almeida (2005).

Em Portugal, a EA está integrada nos currículos desde o Pré-Escolar, sendo orientada por documentos como o Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade e as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE). Estas orientações visam promover atitudes de respeito pelo ambiente e valores sociais essenciais, sensibilizando as crianças para a preservação do meio ambiente (Silva et al., 2016). Além disso, a Comissão Europeia introduziu, em 2022, o *GreenComp*, um referencial de competências sustentáveis que apoia educadores na promoção da literacia ambiental e na construção de uma sociedade mais sustentável.

Neste contexto, a EA deve ser encarada como um projeto transversal e comunitário, integrando o currículo escolar e promovendo cidadania e participação ativa. Como afirmam Awan et al. (2014), é através da educação que se pode enfrentar os desafios ambientais, formando cidadãos conscientes e capazes de construir uma sociedade sustentável, baseada em valores de justiça, equidade e responsabilidade para com a natureza.

No âmbito do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), cabe ao docente dar continuidade ao trabalho desenvolvido no Pré-Escolar, partindo dos conhecimentos prévios das crianças sobre o ambiente e a sustentabilidade. Este processo deve ser promovido de forma interdisciplinar, tal como orientam as Aprendizagens Essenciais (AE) para o Estudo do Meio, especificamente nos domínios “Natureza” e “Sociedade/Natureza/Tecnologia”. A planificação, realização e avaliação das atividades de ensino-aprendizagem devem ser norteadas por estas diretrizes, bem como pelo Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO), documento que estabelece os referenciais pedagógicos essenciais (DGE, s.d.).

Outra dimensão curricular relevante é a de Cidadania e Desenvolvimento, transversal a todos os anos de escolaridade. Entre os domínios obrigatórios do 1.º Grupo, encontram-se áreas como “Direitos Humanos”, “Igualdade de Género”, “Interculturalidade”, “Desenvolvimento Sustentável”, “Educação Ambiental” e “Saúde” (ME, 2018, p. 4). Estas competências visam formar cidadãos conscientes e comprometidos com a Educação para o Desenvolvimento Sustentável e a responsabilidade ambiental.

Para além das áreas acima mencionadas, é fundamental que o professor trabalhe estas competências de forma integrada e transversal, explorando-as em diferentes disciplinas, como Português, Matemática e Expressões Artísticas. Este processo deve ser guiado pelo Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, que tem como objetivo “formar pessoas autónomas e responsáveis e cidadãos ativos” (Martins et al., 2017, p. 5). O documento estrutura-se em cinco pilares – “Princípios, Visão, Valores e Áreas de Competência” – destacando a área de competência “bem-estar, saúde e ambiente” como uma prioridade educativa. Esta área incentiva os alunos a:

- compreender os equilíbrios e fragilidades do mundo natural, adotando comportamentos que enfrentem os grandes desafios ambientais globais;
- manifestar consciência e responsabilidade ambiental e social, contribuindo colaborativamente para o bem comum e para a construção de um futuro sustentável (Martins et al., 2017, p. 27).

Este conjunto de orientações reflete a importância de integrar a sustentabilidade e a consciência ambiental na formação dos alunos desde os primeiros anos de escolaridade.

Metodologia

Os estudos de caso de natureza qualitativa realizados neste trabalho tiveram como objetivo compreender as perceções dos profissionais de educação relativamente à Educação Ambiental (EA) e à promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nas suas práticas em sala de aula. Pretendeu-se igualmente investigar como se processa a EA/Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) no contexto da educação formal e de que forma estas práticas contribuem para a concretização dos ODS. A investigação fundamentou-se no método indutivo, já que o investigador procurou desvendar as intenções e os propósitos das ações analisadas, explorando-as no seu próprio contexto significativo, como afirma Pacheco (2003), adotando ainda uma postura que, segundo Mertens (1998, p. 160), consiste em “... tentar compreender a situação sem impor expectativas prévias ao fenómeno estudado”.

Este estudo exploratório contou com a participação de quatro profissionais de educação – dois educadores de infância e dois professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB). Os entrevistados, com idades entre 31 e 59 anos, desempenhavam funções no território

de Azambuja, sendo que um exercia atividade numa IPSS e os restantes no setor público. A investigação incluiu também crianças que participaram nas práticas de ensino supervisionado, nomeadamente 11 crianças do pré-escolar, com idades entre 3 e 7 anos, residentes no concelho de Santarém, e 20 alunos do 1.º CEB, com idades entre 9 e 11 anos, residentes no concelho de Azambuja.

Diversos instrumentos e técnicas foram utilizados na recolha e análise de dados, entre os quais: observação participante – com recurso a notas de campo, registos fotográficos e grelhas de observação; análise documental das produções dos alunos; e inquérito por entrevista semiestruturada com base num guião de entrevista. Relativamente à observação participante, Correia (2009) sublinha que esta “é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa” (p. 31). As notas de campo revelaram-se particularmente úteis para registar e recordar aspetos relevantes do estudo, tal como os registos fotográficos, que documentaram o processo e os resultados das atividades realizadas com os grupos de crianças. As grelhas de observação foram também fundamentais para identificar, registar e avaliar competências, conceções e progressos das crianças nas temáticas abordadas.

A análise documental desempenhou um papel crucial na recolha de dados significativos. Ludke e André (1986, p. 48) afirmam que esta “pode constituir uma técnica valiosa de abordagem dos dados qualitativos”. Já o inquérito por entrevista semiestruturada revelou-se igualmente indispensável, sendo definido por Amado (2014) como um conjunto de questões baseadas num guião, onde o entrevistador organiza e regista de forma lógica os aspetos essenciais a explorar, permitindo ainda liberdade de resposta ao entrevistado durante a interação.

Discussão dos resultados

Perceções dos profissionais de educação (educadores e professores do 1.º CEB) em relação à Educação Ambiental e à promoção dos ODS na sua prática

As perceções dos profissionais de educação, incluindo educadores e professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), sobre a abordagem da Educação Ambiental (EA) nos

níveis de Pré-Escolar e 1.º CEB foram organizadas em três categorias principais: tema fundamental (N=4), papel da escola (N=4) e educação a partir do meio familiar (N=2).

Na categoria tema fundamental, emergem respostas que sublinham a importância de abordar a EA nas escolas, com foco na consciencialização das crianças, conforme exemplifica o excerto: *“É sempre importante que eles tenham essa consciência”* (E2).

Relativamente ao papel da escola, os entrevistados destacaram-na como um espaço de prestígio, que não só ensina, mas também educa, promovendo o contacto das crianças com a EA e fornecendo conhecimentos muitas vezes ausentes no contexto familiar: *“Se muitas das vezes não for na escola, as crianças não têm este despertar para o cuidado do meio ambiente e não só o cuidado, mas também o conhecimento e a valorização”* (E3). Outro participante salientou: *“Estamos a formar futuros cidadãos”* (E4).

Já na categoria educação a partir do meio familiar, os entrevistados apontaram para a necessidade de práticas de EA no seio familiar, garantindo uma continuidade entre a escola e a casa, conforme referido: *“Temos logo desde muito pequenos, mas a educação começa em casa ... pode-se criar uma rotina aqui na sala, mas se não houver em casa há uma quebra”* (E3).

Os resultados estão alinhados com autores como Sousa e Ramos (2020), que defendem a relevância da EA desde a infância, para que as crianças aprendam a cuidar e preservar a natureza, promovendo um equilíbrio entre sociedade e recursos naturais. Assim, crianças bem informadas sobre questões ambientais tornam-se adultos conscientes e transmissores desses conhecimentos (Medeiros et al., 2011).

No que respeita à ligação entre EA e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), as respostas foram distribuídas em quatro categorias: sensibilizar as crianças (N=2), práticas sustentáveis (N=2), proteção do ambiente (N=1) e práticas que se complementam (N=1).

Na categoria sensibilizar as crianças, destacou-se a preocupação e o interesse das crianças pelos temas ambientais, sugerindo que a EA deve ser integrada nas rotinas diárias, especialmente na Educação Pré-Escolar: *“Deve-se sempre fomentar estas práticas de forma rotineira, porque no Jardim de Infância trabalhamos muito em função das rotinas”* (E3). Relativamente às práticas sustentáveis, os participantes mencionaram a importância de pequenos gestos diários, como a poupança de água e a separação do lixo, para desenvolver

uma consciência ambiental: “*Sermos sustentáveis é estarmos preocupados com o que está a acontecer no planeta*” (E3).

Os principais desafios apontados na implementação da EA foram: interesse pessoal e institucional (N=2), escassez de tempo (N=1), condições de trabalho (N=1) e sair da sala (N=1). A falta de abertura das instituições e o pouco interesse pessoal foram identificados como barreiras significativas: “*Ainda falta muita literacia ambiental e procurarmos mais informação, que já começa a existir bastante... Nada disto é dado, tem de haver mesmo interesse pessoal em explorar estas temáticas*” (E3).

Quanto às potencialidades, a transformação geracional (N=3) e a importância da educação (N=3) foram sublinhadas como aspetos-chave. As novas gerações mostram-se mais informadas e motivadas para enfrentar os problemas ambientais, promovendo sensibilização nas suas comunidades: “*Crianças motivadas e despertas levam outros ao redor a fazê-lo e a estarem sensíveis a fazê-lo*” (E4).

Concluindo, todos os entrevistados concordam que a promoção da EA e dos ODS é uma necessidade crescente. No entanto, reconhecem que ainda há entraves significativos para alcançar os objetivos desejados. Cabeleira et al. (2022) reforçam que “*a escola, como instituição responsável pelo ensino formal, tem o compromisso de promover ações educativas que possam contribuir no desenvolvimento desta temática e, conseqüentemente, auxiliar a romper os limites nela encontrados*” (p. 7).

Compreensão do modo como se processa a EA/EDS no âmbito da educação formal e como contribui para a promoção dos ODS

No que concerne às estratégias e recursos mais pertinentes para trabalhar as questões relacionadas com a Educação Ambiental (EA) e Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), os dados foram organizados em seis categorias principais: Pesquisa e discussão (N=3), Temáticas ambientais (N=2), Interesses da criança (N=1), Contacto com a natureza (N=1), Festividades (N=1) e Pensamento crítico (N=1).

Na categoria *Pesquisa e discussão*, os entrevistados destacaram a relevância de promover investigações e debates, tanto sobre temas sugeridos pelos alunos quanto por orientações dos docentes. Além disso, foi valorizada a vivência ao ar livre, que contribui para a sensibilização das crianças em relação à natureza e aos impactos das ações humanas. Como

expressa E3, "as crianças precisam de espaço e destas vivências para perceberem que a natureza precisa de ser respeitada e que precisam da natureza para viverem... pelas conversas às vezes percebo que eles também percebem e que já se conseguem expressar sobre estes assuntos".

Na categoria *Contacto com a natureza*, enfatiza-se a necessidade de proporcionar às crianças momentos de interação livre com o ambiente natural. Essas experiências fomentam a aprendizagem sobre respeito pela natureza e os cuidados necessários, conforme explica E3: "Enquanto escola é nosso dever permitir que as crianças brinquem ao ar livre e na natureza, deixar as crianças estarem livremente e aprenderem a respeitar as plantas, os animais, as árvores, porque são elas que nos dão sombra e oxigênio para respirar".

Ao abordar a forma como são trabalhadas as questões ambientais e a frequência dessas atividades, surgiram cinco subcategorias: Interdisciplinaridade (N=1), Trabalho investigativo (N=1), Conversas em grande grupo (N=1), Colaboração com a família (N=1) e Rotina (N=1). A interdisciplinaridade é apontada como uma estratégia integradora, tal como destaca E1: "sempre que é possível, essa ponte está sempre ligada, a qualquer momento". Na subcategoria Trabalho investigativo, E2 detalha a metodologia aplicada: "fazemos trabalhos de investigação, ou seja, é lançado o tema comum para toda a turma, eles investigam, recolhem (...) e quando acham que já têm todas as respostas necessárias, tentamos ver se é concretizável em sala de aula". Relativamente à *Rotina*, E4 ressalta a importância de incorporar as questões ambientais no cotidiano escolar: "mesmo a questão da água, pronto, há coisas tão fáceis que se pode incluir na rotina, e nós tentamos sempre fazê-lo". Quanto à frequência das atividades, a maioria dos entrevistados indicou que desenvolve estas temáticas de forma contínua, aproveitando as oportunidades do dia a dia: "dia a dia como qualquer outra matéria que necessita de uma prática, de um treino, de um reforço constante" (E1).

Sobre o tipo de atividades realizadas, as respostas foram agrupadas em três categorias principais: Temas (N=7), Abordagens didáticas (N=6) e Características (N=3). Entre os temas mais trabalhados, destacam-se Reciclagem (N=1), Germinação/plantação (N=3) e Animais de estimação (N=2). Na subcategoria Germinação/plantação, algumas práticas incluem a criação de hortas biológicas e a germinação de bolotas, como exemplificado por E2: "tentámos criar para além da horta um jardim no exterior, tivemos o morangueiro (...) temos a casinha das plantas".

Finalmente, na subcategoria *Interesse dos alunos*, evidencia-se a importância de valorizar os interesses das crianças, muitas vezes espontâneos e não planejados, como indica E3: "não é uma atividade específica para hoje, vai surgindo, vai acontecendo". Assim, observa-se que as práticas em EA e EDS não apenas promovem a consciência ambiental, mas também se alinham com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), integrando-se naturalmente no cotidiano escolar e atendendo às diretrizes curriculares.

Estudo de caso em JI

A atividade implementada neste estudo centrou-se na abordagem da EA e a EDS, de forma a compreender se as práticas de EA/EDS contribuem para atingir ODS e quais as aprendizagens realizadas pelas crianças com a atividades desenvolvidas.

Atividade - Reciclagem

Esta atividade permitiu trabalhar o tema da reciclagem e o ato de separar os resíduos nos respectivos ecopontos. Esta atividade envolveu a construção de uma roda da reciclagem, cujo objetivo era auxiliar o grupo no momento da reciclagem, ficando exposta na nova área existente na sala – a dos ecopontos (Figura 1).



Figura 1. Roda da reciclagem.

No decorrer da realização da roda da reciclagem foi pedido às crianças para identificar a cor a que corresponderia cada imagem, colocando-as em cima da cartolina com a cor respetiva. Os restantes colegas tinham de verificar se a correspondência do resíduo representado estava correta. As questões colocadas ao grupo foram, por exemplo: “*Quem sabe quais as imagens que pertencem ao ecoponto amarelo?*”, “*E ao azul?*”, “*Será que tudo o que eu uso pode ser reciclado?*”, “*Quem vai começar a reciclar todos os dias e dizer*

aos pais para reciclarem?”. Algumas das respostas dadas pelas crianças evidenciam que a maioria das crianças do grupo está familiarizada com a prática da reciclagem, abordando também a reutilização de materiais. Nas mesmas, pode-se verificar que a partir das afirmações dadas pelas crianças, é possível introduzir-se o ODS 12 – Consumo e Produção responsáveis, através da consciencialização da necessidade da separação dos resíduos em ecopontos, reduzindo também o impacto ambiental das suas ações e das ações de quem as rodeia, que neste caso, é o meio familiar e escolar:

As garrafas de água são no amarelo!

O papel e cartão são no azul.

Não sei.

Nós temos coisas que não precisam de ir para a reciclagem, podem ser outras coisas (reutilização).

Eu acho que os lenços de papel podem ir para o azul”. Quando a criança respondeu, a educadora estagiária que os lenços de papel não usados vão para o ecoponto azul, mas os lenços de papel usado, por exemplo, aqueles que usamos para limpar o nariz, devem de ir para o caixote preto. (Notas de campo do dia 7 de outubro de 2020)

Em seguida, realizou-se um jogo, para trabalhar o tema da reciclagem de forma lúdica. Para tal, foram construídos três ecopontos com materiais reutilizáveis e o caixote do lixo indiferenciado (Figura 2).



Figura 2. Jogo lúdico "Vamos reciclar!"

No âmbito deste tema, foi criada uma área específica na sala, onde foram colocados ecopontos construídos pelas crianças utilizando caixas de cartão. As crianças propuseram transformar os ecopontos em "monstros" que "comem" os resíduos, decorando-os com características típicas de monstros. Para tornar o processo de reciclagem mais autêntico, o grupo deslocou-se aos ecopontos da comunidade local para depositar os resíduos recolhidos na sala. Durante esta atividade, foi-lhes perguntado quais resíduos deveriam ser

colocados em cada ecoponto. Todas as crianças participaram com entusiasmo, conseguindo identificar corretamente os ecopontos e associar os resíduos adequados a cada um. Esta atividade permitiu abordar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 – Educação de Qualidade e 12 – Consumo e Produção Responsáveis. Relativamente ao ODS 4, foram trabalhados diversos objetivos de aprendizagem: *cognitiva*, uma vez que as crianças compreenderam o papel essencial da educação na melhoria da qualidade de vida e na concretização dos ODS, consolidando conhecimentos sobre a importância e prática da reciclagem; *socioemocional*, através do envolvimento pessoal com a Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS); e *comportamental*, ao aplicarem os conhecimentos adquiridos no seu quotidiano, promovendo o Desenvolvimento Sustentável (DS). Em relação ao ODS 12, o objetivo de aprendizagem cognitiva destacou-se pela compreensão do impacto das escolhas individuais no desenvolvimento ambiental. Esta compreensão foi reforçada pela experiência prática, onde as crianças perceberam que a reciclagem é um ato simples que não requer muito tempo do dia a dia, conforme sublinhado pela educadora estagiária.

Estudo de caso em 4.º ano – 1.º CEB

À semelhança do contexto de JI, a atividade implementada centrou-se na abordagem da EA e a EDS, de forma a compreender se as práticas de EA/EDS contribuem para atingir ODS e quais as aprendizagens realizadas pelos alunos com as atividades desenvolvidas, considerando a dimensão – cognitiva, socioemocional e comportamental.

Atividade - Monopoly sobre a sustentabilidade: a reciclagem e a poluição

Para consolidar os conteúdos abordados sobre meio ambiente e sustentabilidade, a turma realizou uma atividade inspirada no jogo Monopoly (Figura 3). Os peões do jogo representavam ecopontos, e em cada casa os alunos retiravam um cartão, respondendo a uma questão ou cumprindo um desafio sobre temas como poluição, reciclagem e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). As questões e desafios foram desenvolvidos pelos alunos em colaboração com a professora estagiária e a professora titular. A turma foi organizada em quatro grupos de quatro elementos e um de três. Durante o jogo, os restantes alunos realizavam outras tarefas na sala para evitar acesso às respostas dos colegas.

Cada ronda durava entre 15 e 25 minutos, dependendo do número de respostas corretas e de paragens em casas como “Mundo”, onde o peão avançava três casas, ou “Lixeira”, onde o jogador tinha três tentativas para lançar um 6 e libertar-se. Em cada casa, o aluno retirava um cartão e, se respondesse corretamente, ganhava uma nova jogada; caso contrário, permanecia na mesma casa até à sua vez. O objetivo era que todos completassem o percurso, sendo classificados do 1.º ao 4.º lugar.

O jogo foi bem-sucedido, com os alunos a participarem ativamente no processo de pesquisa e elaboração das perguntas. Contudo, enfrentaram dificuldades no desafio “Desafio-te a falar e explicar um ODS à tua escolha”, demonstrando limitações em traduzir em palavras próprias os conceitos relacionados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, mesmo tendo discutido previamente alguns deles.

Durante a atividade, foram abordados os ODS 1 (Erradicação da Pobreza), 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável), 4 (Educação de Qualidade), 10 (Redução das Desigualdades), 12 (Consumo e Produção Responsáveis), 14 (Vida na Água) e 15 (Vida Terrestre). No ODS 1, os alunos desenvolveram competências socioemocionais, aumentando a consciência sobre a pobreza extrema e as desigualdades no acesso a alimentação, saúde e educação. No ODS 2, trabalharam competências cognitivas e socioemocionais, compreendendo a distribuição desigual de alimentos e sentindo empatia pelas vítimas de fome. O ODS 4 permitiu explorar aprendizagens cognitivas, como o direito universal à educação, e comportamentais, promovendo a igualdade de género. Relativamente ao ODS 10, os alunos compreenderam as consequências das desigualdades económicas e sociais, desenvolvendo uma maior consciência crítica. No ODS 12, destacaram-se práticas de consumo sustentável, abordando questões como a redução da biodiversidade marinha devido à poluição. Para o ODS 14, os alunos identificaram causas e consequências da poluição marinha e da sobrepesca, reconhecendo ameaças aos ecossistemas oceânicos. Finalmente, no ODS 15, questões como "Devo pisar e arrancar flores do jardim?" ajudaram os alunos a refletir sobre práticas destrutivas e a valorizar a proteção da natureza, fortalecendo a ligação com o ambiente e a visão de harmonia ecológica.

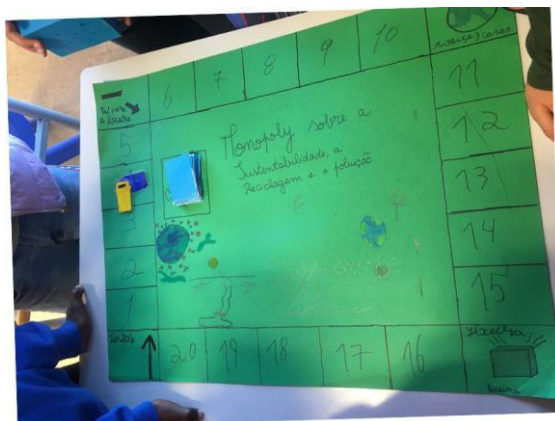


Figura 3. Jogo “Monopoly sobre a Sustentabilidade, Reciclagem e Poluição”.

Considerações finais

O presente estudo emergiu da necessidade de valorizar a Educação Ambiental (EA), considerando a sua importância na promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Apesar de estar contemplada nos documentos orientadores da prática pedagógica e nos currículos destes níveis de ensino, diversos fatores, como o interesse institucional, a escassez de tempo e a falta de condições de trabalho, condicionam a implementação efetiva destas práticas. Com o intuito de modificar esta realidade, foram realizadas diversas atividades nas Práticas Educativas Supervisionadas (PES), explorando como estas ações pedagógicas podem contribuir para a promoção dos ODS em articulação com o currículo atual.

As atividades desenvolvidas procuraram fomentar nos alunos objetivos de aprendizagem cognitiva, socioemocional e comportamental, partindo dos seus interesses e curiosidade. Estas iniciativas envolveram as crianças no seu próprio processo de aprendizagem, promovendo o espírito crítico, a cooperação e a responsabilidade tanto entre elas como para com o meio ambiente.

De acordo com os profissionais entrevistados, a escola desempenha um papel crucial na promoção de competências pessoais e sociais, preparando os alunos para intervir e provocar mudanças positivas no planeta (Cortesão, 2017). Estes profissionais reconhecem a Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) e a promoção dos ODS como práticas imprescindíveis, embora enfrentem obstáculos na sua implementação.

Nas atividades realizadas no contexto do Jardim de Infância (JI), foram promovidos comportamentos como o cuidado com os seres vivos, a reciclagem, e a sensibilização da comunidade envolvente, estimulando uma visão crítica sobre o mundo. No 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), as ações focaram-se nos problemas do meio envolvente, explorando os ODS e abordando questões ambientais como a poluição, a sustentabilidade e a reciclagem.

Embora os resultados tenham sido promissores, destaca-se a necessidade de ampliar os conhecimentos das crianças, integrando estas práticas na sua rotina diária, para que se tornem cidadãos participativos e conscientes numa sociedade em constante transformação.

Em síntese, a realização de atividades de EA e EDS permite trabalhar os ODS e os seus objetivos de aprendizagem, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e interventivos. A regularidade na implementação destas práticas é essencial para garantir aprendizagens significativas e duradouras.

Referências bibliográficas

- Almeida, K. (2005). *Atividade física e desenvolvimento da independência de mobilidade em crianças de contextos sociais diferenciados*. (Dissertação de Mestrado). Braga: Universidade do Minho.
- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (3.ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Awan, U., Abbasi, A. S., & Humayon, A. A. (2014). The Concept of Civic Sustainability is Need of Hour. *Research Journal of Environmental and Earth Sciences*, 6(6), 347-352. <https://www.airitilibrary.com/Publication/alDetailedMesh?DocID=20410492-201406-201503100026-201503100026-347-352>
- Cabeleira, S., Bianchi, V., & Cristina, M. (2022). Desafios de professores no desenvolvimento da Educação Ambiental no Currículo Escolar. *Revista Reamec*, 10(2). <https://doi.org/10.26571/reamec.v10i2.13342>
- Correia, M. (2009). Ciências Da Educação. A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar enfermagem*, 13(2), 30-36. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23968/1/2009_13_2_30-36.pdf
- Cortesão, S. (2017). *A Importância da Educação Ambiental no Ensino Básico*. (Dissertação de mestrado). Coimbra: Escola Superior de Educação. <http://hdl.handle.net/10400.26/20012>
- Efftig, T. R. (2007). *Educação ambiental nas escolas públicas: realidade e desafios*. Universidade Estadual do Oeste do Panamá. <http://ambiental.adv.br/ufvjm/ea2012-1monografia2.pdf>

- Guerra, J., Schmidt, & Nave, G. (2008). *Desenvolvimento Sustentável e Ambiente Educação Ambiental em Portugal: Fomentando uma Cidadania Responsável*. VI Congresso Português de Sociologia. <http://associacaoportuguesasociologia.pt/vi-congresso/pdfs/681.pdf>
- Ludke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. EPU.
- Martins, G., Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carrillo, J., Silva, L., . . . Rodrigues, S. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.
- Medeiros, A., Mendonça, M., Sousa, G., & Oliveira, I. (2011). A importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. *Revista Faculdade Montes Belos*, 4(1), 1-17. [a- importancia-da-educacao-ambiental-na-escola-nas-series-iniciais.pdf](http://www.terrabrasil.org.br/a-importancia-da-educacao-ambiental-na-escola-nas-series-iniciais.pdf) (terrabrasil.org.br)
- Narcizo, K. R. dos S. (2009). Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas. *REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 22. <https://doi.org/10.14295/remea.v22i0.2807>
- United Nations (2019). *Regional Information Centre for Western Europe*. <https://unric.org/en/about-united-nations-regional-information-centre/>